

## **Revista Entrelinha: Produção do Especial *Viver Sem Violência*<sup>1</sup>**

Ana JUSTI<sup>2</sup>

Bruna TEIXEIRA<sup>3</sup>

Fernando FOGAÇA<sup>4</sup>

Hendryo ANDRÉ<sup>5</sup>

Universidade Positivo, Curitiba, PR

### **RESUMO**

O presente trabalho aborda o processo de produção da edição especial da Revista Entrelinha – Especial *Viver sem violência*, elaborada por 60 estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. A equipe serviu-se do contexto de repercussão e de debates sobre igualdade de gênero no país para elaborar um material temático. Este *paper* destaca especificidades do processo, especialmente no que concerne aos usos de mecanismos de compartilhamento de informações e à estratégia de distribuição do produto na *I Jornada Nacional Mulher – Viver sem violência*, realizada em Curitiba em novembro de 2015. Há ainda reflexões em torno do atrelamento da proposta pedagógica às novas Diretrizes Nacionais Curriculares dos cursos de Jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entrelinha; revista-laboratório; violência de gênero; Novas Diretrizes Nacionais Curriculares.

### **1 INTRODUÇÃO**

A cada 12 segundos uma mulher sofre violência no Brasil, segundo o Fórum de Segurança Pública do país. Já de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), anualmente mais de 1 milhão de mulheres são vítimas de violência doméstica. O DataSenado aponta resultados relevantes, como aquele que coloca o país como o sétimo mais violento, entre 84 países, no ranking de homicídios de mulheres. Tendo como assunto principal a polêmica do debate de violência de gênero, tão incidente no país, a revista-laboratório Entrelinha (2015, número 1), do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, trouxe aos discentes a oportunidade de envolver-se no assunto e, simultaneamente,

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Revista-laboratório impressa.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [carolinajusti@gmail.com](mailto:carolinajusti@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [brunalvesteixeira@gmail.com](mailto:brunalvesteixeira@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [fernandofogaça95@gmail.com](mailto:fernandofogaça95@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: [hendryoandre@gmail.com](mailto:hendryoandre@gmail.com)

simular o dia a dia da produção de uma revista. A experiência, do processo de sugestão e elaboração das pautas ao fechamento do produto (diagramação e revisão final), durou um mês e resultou em 18 reportagens, que retrataram o contexto social, estatísticas, políticas públicas, iniciativas dos movimentos sociais, a reconfigurações da violência de gênero a partir da internet e outras formas de violência contra as mulheres.

A produção ocorreu graças ao convite para a confecção de uma edição especial para *I Jornada Nacional Mulher – Viver sem violência*, evento fruto de uma parceria entre a Universidade Positivo, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Prefeitura de Curitiba. Entretanto, almejou-se durante todo o processo jornalístico criar uma publicação que complementasse as discussões temáticas promovidas nas mesas, painéis e *workshops* do evento – a partir de relatos e histórias humanizadas, números, políticas públicas e opiniões diversas acerca dos principais eixos que envolvem a questão de gênero no Brasil – e não uma revista produzida pelo viés de assessoria do evento. A Jornada, assim, serviu como gancho para a viabilidade de impressão e distribuição da tiragem de 2 mil exemplares da revista.

Além das dificuldades costumeiras que o exercício do jornalismo impõe, foram encontrados durante a produção desafios: por se tratar de um veículo laboratorial, vinculado às disciplinas de Redação Jornalística I e II, houve uma extensa reflexão sobre como abordar histórias de vida de pessoas que foram abusadas sexualmente, expostas na internet, ou ainda, que sofreram ou sofrem com atos de violência. Optou-se, em casos particulares, por manter em sigilo o nome e a própria cidade de algumas fontes, mesmo quando havia autorização para a divulgação.

## **2 OBJETIVO**

O propósito da confecção da revista-laboratório é propiciar aos discentes do curso de jornalismo da Universidade Positivo, a possibilidade de contato e entendimento prático sobre o funcionamento de uma revista. A experiência supervisionada simula o dia a dia de uma redação que precisa constituir toda uma revista: é preciso pensar pautas, procurar fontes, redigir matérias, preocupar-se com os elementos gráficos e todos os itens que caracterizam a revista como o veículo que é em si.

Além dessa vivência, esta edição, em especial, tratou da violência de gênero, sendo destinada aos participantes da *I Jornada Nacional Mulher – Viver sem violência*. Assim, buscou-se construir o material de forma que seu conteúdo contemplasse e complementasse as reflexões e debates evidenciados pelo evento. Embora o produto seja fruto da parceria com a organização da Jornada, buscou-se fugir do típico material de assessoria. Ou seja, a proposta foi criar um material que pudesse colaborar com as discussões sobre a questão de gênero no evento, que reuniria, especialmente, a comunidade acadêmica em geral, profissionais de órgãos municipais, estaduais e federais, redes de atenção às mulheres em situação de violência e movimentos sociais.

Pautar os alunos envolvidos quanto à temática da violência de gênero também tornou-se um objetivo do projeto. Levando-se em consideração a relevância da temática no país e a necessidade de formação humanística para os discentes, foi de suma importância a reflexão quanto aos assuntos e abordagens dos mesmos em diversas situações. As discussões de pauta permearam não apenas a construção do conteúdo, mas também a forma e o tratamento que deveriam ser dados ao mesmo.

### **3 JUSTIFICATIVA**

O ensino de Jornalismo está fundamentalmente atrelado à prática. Este fato se confirma com as novas Diretrizes Nacionais Curriculares (DCN's) aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC), em setembro de 2013. Com isso em mente, e buscando aproximar seus alunos do mercado de trabalho e dos diferentes veículos de comunicação, o curso disponibiliza em sua grade-curricular, a participação dos alunos na produção de materiais que são publicados em veículos em diferentes plataformas. Estudar o processo de produção é essencial para o entendimento de como se dá, de fato, o processo de ensino-aprendizagem do meio “revista” pelos graduandos.

A Revista Entrelinha está entre estes meios que têm seu conteúdo totalmente produzido pelos alunos, sempre com o auxílio e a supervisão do corpo docente do curso. Para o Carlos Rizzini (*apud* VIEIRA, 2002), o uso desses meios práticos é essencial para a formação acadêmica mais adequada ao exercício jornalístico. Rizzini defende um ensino universitário que além de instruir, educar e orientar também ilustre a vocação. A ideia do

teórico, embora temporalmente distante (já que foi descrita em 1953), era que o exercício de experimentação da profissão elevaria o nível dos profissionais no mercado.

Seguindo essa premissa, de que é apenas do exercício contínuo jornalístico e de sua posterior publicação que o aluno recolhe os frutos do que foi aprendido em sala, o curso oferece a seus alunos a oportunidade de produzir e publicar material jornalístico em seu telejornal, jornal impresso, rádio, site de notícias e na revista semestral *Entrelinha*. Cada um destes veículos busca obedecer aos critérios universais que os caracterizam e distinguem como meios de comunicação, devendo assim, o aluno adaptar-se à sua linguagem e forma de expressão signatária. “Os órgãos laboratoriais, numa concepção dinâmica, envolvem o quadro total da formação do jornalista, deixando de ser apenas prática, técnica ou tecnicista, para se transformar em um aparato de aprendizagem” (LOPES, 1989 *apud* ANTONIOLI, 2014 p. 193). Antonioli ressalta a importância do contato experimental do aluno logo na fase inicial do curso e conclui:

(...) é preciso repensar o ensino, buscando também o atendimento das novas demandas de mercado, pois, embora os valores do jornalismo continuem os mesmos, sobretudo no que se refere ao serviço prestado à sociedade, as rotinas de produção e de gestão mudaram substancialmente (ANTONIOLI, 2014, p.194).

Ainda segundo as DCN's, o concluinte do curso deve estar pronto para desempenhar a função de jornalista como generalista, humanista, crítico, ético e reflexivo. Capacitado a desempenhar produção intelectual, agente de cidadania e da cultura contemporânea, além de possuir fundamentos teóricos e técnicos especializados.

As DCN's trabalham em cima de seis eixos de formação. Em resumo: o de *fundamentação humanística*, que capacita o profissional a função de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania. O de *fundamentação específica*, que proporciona ao profissional clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade da profissão. *Eixo contextual*, a embasar conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura; *formação profissional*, que fundamenta o conhecimento teórico e prático; *aplicação processual*, que fornece ao jornalista ferramentas metodológicas e técnicas; e, por fim, a *prática laboratorial*, eixo no qual está integrada a proposta deste

*paper*, na qual o estudante deve portar conhecimento e desenvolver habilidades inerentes à profissão.

Outra justificativa fundamental refere-se ao meio revista. Em português, a palavra *revista* se origina do termo inglês *review*, que pode ser traduzido como “crítica literária”, ou “resenha”. Para Fatima Ali (2009), esse meio de comunicação se destaca por características diferenciais e vantajosas:

(...) é portátil, fácil de usar e oferece grande quantidade de informação por um custo pequeno. Entra na nossa casa, amplia nosso conhecimento, nos ajuda a refletir sobre nós mesmos e, principalmente, nos dá referências para formarmos nossa opinião (ALI, 2009, p.18).

Para Ali (2009), alguns aspectos específicos definem a revista enquanto um tipo específico de publicação: o primeiro é a sua *periodicidade*, que pode ser semanal, quinzenal, mensal ou em qualquer intervalo de tempo. Sua *estruturação física* também é marca de seu gênero para a autora: encadernada, ou fazendo uso de grampos para prender a capa, o papel utilizado deve ter qualidade para manter sua durabilidade. Além das características relativas ao formato, para ser considerada uma revista, a publicação precisa ser atraente para o leitor, incorporando em sua composição elementos visuais como fotografias, *design*, ilustrações, tipografia e outras formas que sejam agradáveis ao toque e ao ato de folhear. A diagramação é outro elemento poderoso, uma vez que cria uma identidade própria para cada revista, sendo fácil para o leitor reconhecê-la.

O conteúdo também traz características diferenciais, uma vez que as informações contidas em suas páginas vão além do mero ato de informar. A revista também diverte e instrui, pode ser por meio da aquisição de novos conhecimentos, ou de uma compreensão diferente daquilo que acontece no mundo, por meio de uma visão dos fatos mais diversificada. O ponto é que, para Ali (2009), a revista deve fazer com que o leitor se surpreenda e encontre sempre novidades.

Sodré (*apud* VILLAS BOAS, 1996) fala desta característica editorial por meio do conceito de “relaxamento”, como uma busca pela liberação dos sentidos do leitor. Em contraposição ao jornal diário – lido pela necessidade da informação imediata – a leitura da

revista assemelha-se mais a um prazer, embora deva levar em consideração critérios de atualidade e aspectos geográficos:

Talvez o maior prazer na leitura de uma revista se deva exatamente a esta “ruptura” com o imediatismo do jornal. Alcança-se uma certa estabilidade emocional em relação ao fato, pois é possível o leitor programar a hora de leitura ou simplesmente deixar que surja um horário vago para fazê-lo, independentemente do quando. Daí a importância de se valorizar as notícias de uma revista segundo critérios de atualidade (VILLAS BOAS, 1996, p. 82).

Ao mesmo tempo em que é preciso surpreender o leitor, deve-se falar de assuntos relevantes e atuais para ele, que criem um ar de familiaridade. É como se o veículo tomasse a forma emocional de um ser humano, conforme esclarece Ali (2009):

Ninguém precisa de uma revista, mas todos precisam de amigos. A revista é como uma pessoa, um companheiro que está lá para levar-lhe informação e ajuda. Estabelece com o leitor uma relação que é renovada a cada nova edição. Uma relação de um-com-um, familiar, íntima e envolvente. A revista fala sobre o que interessa ao leitor, levando em consideração seus desejos e expectativas, expressando suas esperanças e preocupações (ALI, 2009, p.19).

Uma grande parte do conceito de revista está diretamente ligada à emoção. Sua linguagem formal-coloquial, ainda que jornalística, permite, de acordo com Villas Boas (1996) usos mais literários. Este fator é fundamental na construção da experiência da revista, uma vez que suas sensações são fortemente estéticas, especialmente quando se trata de uma edição inteiramente voltada ao debate em torno da superação da violência de gênero. Permite-se que o leitor sonhe e almeje aquilo que lhe é mostrado. Assim como o livro, a revista permite também a distração e o escape da rotina.

Em termos mais técnicos, outra premissa importante da revista, responsável pela força de suas matérias, é a interpretação. Segundo o conceito de Beltrão (1979 *apud* VILLAS BOAS, 1996), no que se refere à interpretação há dois tipos de jornalismo: o *extensivo* e o *intensivo*. No esforço de reunir dados e informações sobre um determinado tema, ou fato, o repórter busca por sentidos. Essa interpretação intensiva, feita com base na reflexão, é o que confere profundidade e qualidade à reportagem. Para tanto, é preciso que a

notícia publicada seja “a informação em sua integridade. Captada, analisada e selecionada pelo jornalista” (VILLAS BOAS, 1996, p. 77).

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Conforme explicado, em um mês uma equipe formada por 60 alunos embarcou no desafio voluntário de produzir a edição, e como avaliação extra nas disciplinas de Redação Jornalística I e II. O projeto foi sugerido pelo professor Hendryo André, que teve como intuito planejar uma revista que pudesse ser utilizada como recurso informativo pelos participantes da *I Jornada Nacional Mulher – Viver Sem Violência*.

Para organizar um número alto de propostas de pautas (a princípio foram pré-selecionados 25 temas que direta ou indiretamente seriam abordados nas discussões técnicas do evento), optou-se por utilizar amplamente as ferramentas disponíveis na internet, especialmente o *Facebook* (por meio da organização de grupos para acompanhamento de cada uma dessas pautas) e a plataforma *Google Drive* (na qual os estudantes precisavam compartilhar contatos de fontes para checagem de dados e outras informações pertinentes).

As pautas tiveram *deadline* entre uma e duas semanas para serem produzidas, de acordo com a complexidade de cada uma delas. Ao todo, 39 alunos produziram reportagens sobre o assunto. Os temas eram diversificados, tratando da situação atual da mulher no cenário brasileiro, dados sobre o assunto, políticas públicas, violência moral e psicológica, conquistas transexuais, projetos relacionados à mulher e à violência de gênero, e até mesmo uma entrevista pingue-pongue com Maria da Penha, que lutou durante mais de 20 anos e cuja história mudou a legislação brasileira em relação aos direitos das mulheres.

Numa segunda fase, a confecção da revista contou com a participação de 18 colaboradores, que trabalharam na apuração do material produzido, inclusive, com o trabalho de contatação de personagens e checagem de dados. Houve ainda alunos que participaram produzindo ilustrações ou fotografias. Após o período de produção, todas as reportagens passaram por uma equipe de revisão de conteúdo, composta por 10 alunos que checaram, por meio de triagem, dados trazidos nas reportagens, assim como a versão de cada fonte. O processo de conferência levou uma semana. Quando faltavam dados ou

fontes, essa equipe de alunos precisava se mobilizar para fechar o material. Cada reportagem foi revisada por, no mínimo, três editores. À medida que os textos eram revisados e checados, eram enviados à diagramação.

Em paralelo ao fechamento, decidiu-se mobilizar – por meio do Facebook – voluntários para participar da *Campanha Contra Violência de Gênero*. A campanha consistia em um convite aberto a todos os alcançados pela plataforma *online*, para irem até o estúdio de fotografia da Universidade Positivo fazer uma foto com cartazes se manifestando quanto ao tema. Ao chegar ao estúdio, o convidado poderia escrever, em uma folha A4, uma mensagem de apoio às mulheres vítimas da violência de gênero, ou uma frase a favor da igualdade entre homens e mulheres. Em 24 horas, o projeto alcançou a marca de 80 participantes. As fotografias tornaram-se, posteriormente, no mosaico utilizado como capa da revista.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Com tiragem de 2 mil exemplares, a revista foi diagramada no formato 27 cm x 32 cm, em papel *couché*, colorida. No que se refere à tipologia, as fontes utilizadas foram: *Calibri* (corpo 12) no corpo do texto, gravatas e legendas; e ramificações da fonte *Helvetica* (corpo variável) nos títulos, olhos e assinaturas. Segundo Williams (1995), a primeira fonte pertence ao grupo daquelas voltadas a textos mais longos, enquanto a segunda é uma das mais indicadas para títulos, por conta da legibilidade.

Além disso, pensando no cenário de convergência midiática e em algumas das reconfigurações do jornalismo de cunho impresso, optou-se por testar o uso de ferramentas como o *CR Code*, recurso que com auxílio de vários aplicativos de leitura disponíveis nos sistemas IOS e Android possibilita que o leitor veja vídeos, fotos, sites ou redes sociais. O objetivo foi instigar que a leitura fosse, até certo ponto, realizada com o aparelho celular em mãos. A título de exemplificação, o *CR Code* foi utilizado na reportagem *78% das brasileiras entre 16 e 24 anos já sofreram assédio* (p. 09), ao gerar um *link* para um infográfico interativo, no qual o leitor-alvo (que vinha das mais variadas regiões do país) poderia comparar as taxas de homicídios por regiões, estados e capitais brasileiras. A proposta mostrou-se válida tanto pelo enriquecimento dos dados fornecidos pela

reportagem quanto pela capacidade de diminuir o espaço gasto com informações no veículo impresso, o que remete à economia de papel e de recursos.

No que se refere à linha editorial, houve assumidamente o apoio à igualdade de gênero e às mulheres vítimas da violência, expressa desde a capa. A capa da edição, aliás, conforme relatado no último tópico, foi pensada a partir de manifestações voluntárias de pessoas que se incomodam com a questão da violência de gênero.

Da página quatro a sete, o leitor se depara com serviços ligados ao evento (desde a programação até formas de se locomover em Curitiba, já que se tratava de uma Jornada com estimativa de reunir 1 mil pessoas), estratégia adotada para que os participantes da Jornada fossem, de certa forma, “obrigados” a manusear o material durante o evento. Já no corpo da revista, as pautas foram divididas em cinco seções: *Contexto Social e Estatísticas*, uma introdução ao tema, trazendo dados atualizados sobre o assunto. *Políticas Públicas e Movimentos Sociais*: como a política e a população têm levantado a bandeira e lutado contra a violência. *Internet para o bem e para o mal*: seção em que o leitor compreende um pouco mais sobre como a legislação vem se adaptando ao universo contemporâneo das redes sociais e da exposição virtual. *Outras formas de Violência Contra a Mulher*: a indústria da beleza, violência obstétrica, violência moral e psicológica também são pautas quando o assunto é violência de gênero. Além desse material, a Entrelinha fez uma entrevista pingue-pongue com Maria da Penha, principal ícone no combate à violência de gênero no país e, também, uma reportagem especial de Transgêneros. Além disso, dois textos opinativos (sobre cinema e ditadura da beleza) foram produzidos.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Acima de produzir um material que pudesse auxiliar nas discussões do evento, a edição teve como principal objetivo pautar alunos sobre a intensa discussão das questões de gênero. A premissa é, por meio do jornalismo discutido em sala, que os alunos pudessem colocar na prática o papel do jornalista, de humanizar relatos de violência, não apenas dar números crus, trazer uma discussão aprofundada do problema, tornar discussões críticas e embasadas, proporcionar conhecimento sobre a violência contra a mulher para dentro do ambiente acadêmico, e a partir disso, digerir as informações e repassar ao próximo.

Este projeto teve sua relevância por ter sido um convite que só foi possível graças à colaboração dos alunos que se comprometeram em abraçar a causa, fazendo e promovendo um jornalismo de intervenção social. A experiência de o aluno ir à rua, trazer histórias, lidar com vítimas de forma ética e comprometida com seu papel profissional foi um grande marco na vida acadêmica dos participantes.

As novas DNC's sugerem que as instituições proporcionem aos alunos a oportunidade de lidar com cargos de chefia, assim como foi feito durante a produção desta revista. O artigo produzido por Rocha e Silva (2014) discute “a descontinuidade entre as transformações dos cargos de chefia em uma redação e a formação acadêmica do futuro profissional”. Em 2001, as diretrizes curriculares não mencionavam habilidade do egresso em desempenhar funções de postos de chefia. Isso acabou refletindo na formação do profissional, uma vez que não tiveram como referência a inserção de disciplinas sobre gestão ou funções da disciplina, destacam os autores. Dentro da pesquisa e da experimentação nos laboratórios acadêmicos, o projeto definiu um cenário mais próximo da realidade do mercado, com intuito de oferecer aos estudantes a possibilidade de entendimento de como desempenharão seu ofício.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Fatima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo**: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. Brasília: REBEJ, 2014.

BRASIL. **Parecer 39/2013** da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação de 27 de setembro de 2013. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação de Jornalismo.

BRASIL. Portal Brasil: **Defesa da Mulher**. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/08/lei-maria-da-penha-mobiliza-sociedade-em-protecao-a-mulher>> acesso em: 01/02/2016 .

BUENO, Mariana. **Bolsa da Mulher**. Disponível em <<http://www.bolsademulher.com/comportamento/lei-maria-da-penha-faz-9-anos-violencia-contramulher-despenca-saiba-se-defender>> acesso em: 01/02/2016

DATASENADO. **Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher**. 2013. Disponível em <[http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia\\_Domestica\\_contra\\_a\\_Mulher\\_2013.pdf](http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf)> Disponível em 01/02/2016

ROCHA, Paula Melani. SILVA, Gisele Barão. **A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares**. Brasília: REBEJ, 2014.

VIEIRA, Antônio Júnior. **Uma pedagogia para o Jornal-Laboratório**. 2002.f. 259. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornallaboratorio>>. Acesso em 08 de julho de 2015.

VILLAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis, 1995.